

## A Cristologia Existencial de Ratzinger

*Ratzinger's Existential Christology*

DOUGLAS ALVES FONTES\*

**Resumo:** A cristologia existencial de Ratzinger é como uma luz que nos interpela. Queremos, com a presente comunicação, resgatar a reflexão tão antiga e tão nova do grande teólogo alemão que se tornou Papa. Tomamos a obra *Dogma e Anúncio* como espinha dorsal da nossa exposição. O autor nos leva a compreender a cristologia na perspectiva existencial, ao destacar a dinâmica do seguimento, com ênfase na noção de seguimento. Com isso, vemos como a cristologia da *Introdução ao Cristianismo* deve ser entendida. Por fim, percebemos que Ratzinger chega ao auge da sua reflexão cristológica, com a grande obra *Jesus de Nazaré*, que precisa ser entendida e assumida com os olhos na *Deus Caritas est* e nas palavras do Papa, durante a Conferência de Aparecida.

**Palavras-chave:** Cristologia. Ratzinger. Existencial. Encontro. Relação.

**Abstract:** Ratzinger's existential Christology is like a light that challenges us. Our objective with this paper is to rescue the reflection – so ancient and so fresh – of the great German theologian who became Pope. *Dogma and Preaching* was taken as the core text of our article. The author leads us to understand Christology in the existential perspective, by highlighting the dynamics of discipleship, and emphasizing the notion of discipleship. As a result, we can comprehend how the Christology in the book *Introduction to Christianity* must be understood. Finally, we realize that Ratzinger reaches the top of his Christological reflection with the great work *Jesus of Nazareth*, which must be understood and assumed through the eyes of the Encyclical *Deus Caritas Est* and in the words of the Pope during the Conference of Aparecida.

**Keywords:** Christology. Ratzinger. Existential. Encounter. Relation.

---

\* Pe. Douglas Alves Fontes é mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Reitor do Seminário São José de Niterói. Contato: [douglasfontes@yahoo.com.br](mailto:douglasfontes@yahoo.com.br)

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar a Cristologia de Ratzinger, numa perspectiva existencial, como ele a apresenta, em *Dogma e Anúncio* (2007a). Nosso intuito é resgatar como que uma dimensão essencial da cristologia do grande teólogo.

Ao colhermos o seu entendimento do “ser cristão”, na Encíclica *Deus Caritas Est*, vemos como já percebia, como teólogo, a dimensão existencial do Cristianismo e, conseqüentemente, da própria Cristologia.

Nesse percurso, e lançando um olhar para o presente e para o futuro, precisamos resgatar o *Documento de Aparecida*, depois dos seus 10 anos, para percebermos como a Cristologia de Ratzinger tem algo de extremamente peregrino para nossa reflexão teológico-pastoral.

Assim, vemos como sua Cristologia, na *Introdução ao Cristianismo*, alcança como que seu auge, na obra *Jesus de Nazaré*. É claro como Ratzinger consegue e desenvolve uma teologia atual, que não desconsidera, em nenhum momento, os desafios dos dias de hoje, nem da teologia, nem da pessoa humana, diante de suas questões!

A dimensão existencial da teologia e, em nosso caso, da Cristologia, precisa ser resgatada e aprofundada como um grande instrumental para nossa revisão da caminhada cristã, por conta dos inúmeros desafios eclesiais que temos diante dos olhos.

### 1 Cristo – Que significa Jesus Cristo para mim?

Com essa pergunta, o autor começa o capítulo (RATZINGER, 2007a, p. 119), traçando um perfil muito claro da pessoa de Jesus Cristo. Ratzinger afirma que, ao olhar Jesus Cristo, vislumbra o que é Deus e o que é o homem (Id. Ibid.). O futuro Papa apresenta, na presente obra, Jesus Cristo como aquele que revela aquilo que Deus é, proximidade infinita, um Deus com quem podemos falar, conversar, ou seja, um Deus com quem podemos nos relacionar. Ele apresenta o Deus que se manifesta no homem Jesus de tal modo, que não fica absorvido nisto, pois Jesus é um com o Pai.

O teólogo apresenta o homem como aquele que é incapaz de acolher o homem verdadeiro, puro, por isso o crucifica. Entretanto, uma outra verdade apresentada pelo autor é a que mostra o homem capaz, por sua natureza, de

ser a expressão de Deus, de forma que Deus mesmo pode se unir ao homem. O homem, mesmo parecendo ser um “aborto fatal da evolução”, como diz o futuro Pontífice, é chamado a elevar toda a criação (RATZINGER, 2007a, p. 120).

A partir de sua experiência pessoal com a pessoa de Jesus, Ratzinger mostra o caminho que percorreu até chegar a uma experiência com Jesus Cristo, que se deu, não na especulação filosófico-literária, mas na fé da Igreja, que o fez perceber que Jesus age não no passado, mas sim, no hoje da história, permitindo que tenhamos acesso e contato com Ele. Isso significa que é possível, como ele experimentou, conhecer Jesus Cristo através da fé da Igreja, através de tudo aquilo que a Igreja, pelos concílios e dogmas, faz com que Jesus e a própria Igreja se tornem inseparáveis.

Através de toda a amplitude da Tradição, temos acesso à grandeza do que Jesus Cristo é, como por exemplo, pelo Concílio de Calcedônia, que defendeu que Jesus é Filho de Deus, da mesma essência do Pai e, ao mesmo tempo, homem com a essência semelhante à nossa. Isso significa que é, pela Igreja, pelo depósito da fé, que temos acesso a Jesus Cristo e à concretude do que Ele é. Ao mesmo tempo, Ele, Jesus Cristo, é o Senhor da Igreja e norma para a mesma, apesar de saber, como afirma o autor, que a relação com Jesus ultrapassa as leis e as rubricas, visto pela riqueza do perfil de Jesus, traçado pelos Evangelhos.

Ratzinger mostra, mais adiante, que mesmo aprendendo a ver a pessoa de Jesus Cristo sob a ótica de Calcedônia, não significa que a interpretação feita pelo concílio da pessoa de Jesus Cristo se coloque em detrimento a uma parte integrante da tradição, de forma que ela não se harmonize com o dogma. Toda tradição e investigação bíblica, acerca da busca por um Jesus histórico, deve ser lida de maneira conjugada, a fim de se chegar a um perfil correto de Jesus Cristo. Com isso, tal pesquisa, sempre iluminada pelo Dogma de Calcedônia (Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem), possibilitará chegar à mesma conclusão que ele, o autor, chegou, de que o Jesus dos Evangelhos é o mesmo Jesus histórico. Mesmo encontrando, nas escrituras, a *ipsissima verba christi*, os textos sagrados sempre serão o suficiente para traçar um perfil correto sobre quem Jesus foi, e é (Id. Ibid., p. 121).

Ao final deste tópico, o teólogo, de maneira clara, afirma que, para quem crê com a Igreja, na oração e nos sacramentos, principalmente na Eucaristia, o próprio Jesus se manifesta diretamente. Ser cristão, afirma o pontífice, era, no início da Igreja, fazer uma experiência de fé, muito mais do que um rompimento com as religiões pagãs, pura e simplesmente (RATZINGER, 2007a, p. 122).

## 2 Imitação

Neste ponto, Ratzinger apresenta o livro ascético mais conhecido do mundo, a *Imitação de Cristo*, de Thomás de Kempis. Diante do contexto histórico, dos desafios da Idade Média, quando o livro foi escrito, fica a pergunta-chave para os leitores contemporâneos: o que, de fato, significa Imitação de Cristo? Ainda se faz possível, para o homem de hoje, chegar a essa imitação (Id. *Ibid.*, p. 123)?

O autor apresenta, inicialmente, o sentido primeiro dessa pergunta, ou seja, o que, originalmente, significa imitar Cristo? Significava, diz o teólogo, que os “homens se decidiam a deixar sua vocação, o seu negócio, seu dia a dia, indo, em vez disso, com Jesus”. Ou seja, imitar Cristo era sinônimo de discipulado, pois o discípulo empregava toda a sua vida a seguir seu mestre e a caminhar com Ele. Assim, diz o autor, imitação se torna algo interior e exterior. “Exterior” significa seguir Jesus em suas peregrinações. “Interior” corresponde a uma dinâmica de vida nova, na qual sua definição não se encontra mais nas realidades temporais passageiras, mas na entrega livre da própria vontade à vontade do outro, de forma que estar à disposição d’Ele se tornou o principal conteúdo de sua existência (Id. *Ibid.*, p. 124).

O futuro Papa encontra, na cena de Jesus com Pedro, após a multiplicação dos pães, um exemplo claro da renúncia de si mesmo, diante da primeira revelação da Paixão, na qual Jesus não seria um Messias fulgurante, como um novo Moisés, mas um Messias marcado, profundamente, pelas sombras da Cruz e da morte. O Evangelho de Mc 8, 32s apresenta a repreensão de Pedro e a reação de Jesus, diante dessa repreensão: “Afasta-te de mim, Satanás, não pensas como Deus, mas como os homens”. Pedro, diz Ratzinger, tenta desviar-se do seguimento de Jesus, mas é colocado logo em seu lugar por Jesus, ou seja, atrás d’Ele, como é próprio do discípulo (Id. *Ibid.*).

O que se torna fundante, no seguimento de Jesus, mais que as formas históricas exteriores apresentadas pelas Páginas Sagradas, é a transformação interna da existência daquele que se propõe a ser discípulo de Cristo, para o qual deve conduzir os acontecimentos exteriores, de acordo com esse assentimento interior. O núcleo da imitação de Cristo é a total transformação do discípulo nEle (RATZINGER, 2007a, p. 125).

O Evangelho de São João e as cartas Paulinas traçam um perfil do que é “seguir” Jesus, após a Ascensão do Senhor. Encontramos a palavra seguir em diversos episódios, na parábola do Bom Pastor (Jo 10,4), por exemplo, o “seguir” significa conhecer a voz de Jesus, mesmo no meio das vozes do mundo, ou seja, confiar na Palavra de Deus, ter fé no sentido de uma decisão radical por Jesus.

O futuro Papa Bento XVI discorre sobre o significado da cruz e do martírio, nessa dinâmica do seguimento, partindo da palavra de São Marcos 8, 35: “Quem quer conservar sua vida, a perderá, mas quem quiser perder a sua vida por causa de mim e do evangelho, a conservará”. Só perdendo-se, o homem se encontra; só renunciando a si mesmo e abraçando a vontade de Deus chega-se a si mesmo. Isso constitui, profundamente, um martírio decisivo, que indica uma exigência fulcral no seguimento de Cristo (Id. Ibid., p. 126).

Por fim, Ratzinger apresenta a carta de São Paulo aos Efésios 5, 1: “Tornai-vos imitadores de Deus... e andai no amor como Cristo vos amou e se entregou por vós”. Seguir Cristo, ser seu discípulo, significa aceitar a dinâmica da cruz: o amor radical, imitando Deus que revela seu amor na Cruz, renunciando a sua glória, consumindo-se, por amor. A partir daí, São Paulo conclui que seguir Cristo, nesse movimento, é seguir a Deus. Este tornou-se homem para que os homens se tornassem semelhantes a Deus. A imitação de Cristo consiste em fazer com que o homem, então, se una a Deus (Id. Ibid., p. 126-127).

Com essa reflexão, vemos a *Introdução ao Cristianismo* vir à tona quando Ratzinger inicia sua cristologia com a solene profissão de fé: “Creio em Jesus Cristo, seu filho único, nosso Senhor”. Assim, o grande mestre alemão estrutura seu estudo, apresentando: I. O problema da profissão de fé em Jesus hoje; II. Jesus Cristo: a forma básica da profissão de fé cristológica; III. Jesus Cristo – Deus verdadeiro e homem verdadeiro; IV. Caminhos da cristologia (BENTO XVI, 2005, p. 145-181).

Vemos se descortinar diante de nossos olhos o portal da grande encíclica *Deus Caritas est*:

Nós cremos no amor de Deus – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo (BENTO XVI, 2006, n. 1).

Contudo, o próprio pontífice nos lembra e nos questiona constantemente como fez no Discurso Inaugural de Aparecida:

O que nos dá Cristo realmente? Por que queremos ser discípulos de Cristo? Por que esperamos encontrar na comunhão com Ele a vida, a verdadeira vida digna deste nome, e por isso queremos dá-lo a conhecer aos demais, comunicando-lhes o dom que dele recebemos? Mas é mesmo assim? Estamos realmente convencidos de que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida? (CELAM. Documento de Aparecida, 2009, p. 253-254)

O teólogo alemão nos mostra a profundidade e a extensão de uma verdadeira cristologia e nos faz lembrar, com palavras fortes e claras, que nos iluminam cotidianamente, que

o discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, sente-se impelido a anunciar a Boa Nova da salvação aos seus irmãos. Discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma medalha: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que somente Ele nos salva (cf. At 4, 12). Efetivamente, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não existe esperança, não há amor e não existe futuro (Ibidem, p. 256-257).

Sendo assim, podemos asseverar com o Papa Bento XVI em consonância com a obra *Jesus de Nazaré*, que os discípulos devem chegar da mais exterior até a mais íntima comunhão com Jesus. Afirma o teólogo que se tornou Papa:

Estar com Jesus e ser enviado parece, à primeira vista, que são coisas excludentes, no entanto, estão claramente interligadas. Eles devem aprender a estar de tal modo com Ele que estão com Ele mesmo quando vão para os confins do mundo. Estar com Ele leva em si como tal a dinâmica da missão, porque todo o ser de Jesus é já missão (RATZINGER, 2007b, p. 156).

## Conclusão

Podemos então concluir este artigo vislumbrando a Cristologia Existencial de Ratzinger como um quarteto: *Introdução ao Cristianismo*; *Dogma e Anúncio*; *Deus Caritas est* e *Jesus de Nazaré*. Ao longo desse percurso, com

os olhos de Aparecida, vimos como Ratzinger e, depois, Bento XVI, centraliza sua cristologia no encontro entre o discípulo e o seu único e eterno mestre: Jesus Cristo.

De fato, nas palavras do teólogo alemão, a “pessoa de Jesus é sua doutrina, e a sua doutrina é ele próprio. Por causa disso, a fé cristã, isto é, a fé em Jesus como o Cristo, é realmente ‘fé pessoal’ ” (BENTO XVI, 2005, p. 154). Assim, fica claro o quanto a fé cristológica, nascida do encontro com o Cristo, se transforma numa força existencial para cada pessoa.

Para Ratzinger, sempre falaremos de uma fé em Cristo que nasce na Igreja e por meio dela. Ao mesmo tempo, vivemos com Ele e por meio d’Ele. O cristão se encontra, de fato, com o Mestre e, desse encontro, passa a imitá-IO numa relação vital e existencial, que o transforma por inteiro e o faz ser discípulo e missionário, configurando-se plenamente ao Seu Mestre: enviado pelo Pai, vive pelo Espírito e entrega sua vida num ato de total entrega ao Pai pela salvação do mundo.

Em suma, concluímos com as palavras fortes e significativas do grande Papa:

Cristo é a renovação de tudo, resume tudo e orienta-nos para Deus. E deste modo insere-nos num movimento de descida e de ascensão, convidando-nos a participar na sua humildade, ou seja, no seu amor ao próximo, para assim sermos partícipes também da sua glorificação, tornando-nos com Ele filhos no Filho. Oremos a fim de que o Senhor nos ajude a conformar-nos com a sua humildade e com o seu amor, para que assim nos tornemos partícipes da sua divinização (BENTO XVI, Audiência Geral em 22/10/2008).

## Referências

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2009.

RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré*. Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007b.

Artigo recebido em 25/10/2018 e aprovado para publicação em 22/11/2018

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i34-2018-8>

**Como citar:**

FONTES, Douglas Alves. A Cristologia Existencial de Ratzinger. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 349-356, jul./dez. 2018. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br).